

MANFREDO OLIVEIRA E A FILOSOFIA¹

Evaldo Silva Pereira Sampaio²
Ivânio Lopes de Azevedo Azevedo Jr.³

- *Você nasceu em Limoeiro do Norte, no Ceará, em 1941. Lá fez a sua educação básica, inicialmente no Colégio Diocesano, e, depois, no Seminário Diocesano. Como foi esse período da sua formação? Já naquele momento você teve um contato com a Filosofia?*

Sim, por influência do professor João Miguel, um padre holandês do seminário que tinha bastante conhecimento em Filosofia, embora não tivesse título acadêmico na área. O seminário de Limoeiro do Norte era administrado por lazaristas holandeses. O padre João Miguel viu em mim alguém que tinha tendência para os estudos filosóficos e foi me formando, digamos, não oficialmente, porque o que nós fizemos foi muito diferente do contexto dos colégios em geral. Nós lemos no original muita literatura grega e latina, francesa e inglesa. No começo era uma dificuldade enorme. Vocês podem imaginar como era sair de uma escola secundária de ensino fundamental do Brasil e entrar em um regime desse, em que você tem que traduzir textos que nunca imaginou na vida. Isso foi fundamental para mim porque, anos depois, quando cheguei para o doutoramento na Universidade de Munique, quem não tinha pelo menos seis anos de latim e três anos de grego não poderia fazer o doutorado. Lembro que uma vez estava num seminário de doutorado na Alemanha e meu professor perguntou a um jesuíta a tradução de um texto grego. O jesuíta disse: “Eu não sei grego”. E meu professor exclamou: “Mas não existe isso! Como é que pode ter um jesuíta que não saiba grego? Saia daqui! Você não está no lugar certo”. Como naquela época dispúnhamos de poucas traduções dos textos filosóficos clássicos em português, ler no original era indispensável. Então, posso dizer que, já no seminário, fui criando uma mentalidade filosófica a partir da orientação daquele padre holandês.

215

¹ Trata-se de uma entrevista concedida pelo Prof. Emérito da Universidade Federal do Ceará, Manfredo Oliveira, aos professores Evaldo Sampaio e Ivânio Azevedo Jr. (ambos do PPGFilos—UFC). Procura-se aqui entender a trajetória intelectual de Manfredo Oliveira e como esta se articula com momentos decisivos da consolidação dos estudos de Filosofia no Ceará - e no Brasil. A entrevista ocorreu em maio de 2023.

² Professor Associado da Universidade Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6641-8843>.

³ Professor Associado da Universidade Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2548-3259>.

- *Antes desse período de estudos no exterior, você iniciou a graduação em Filosofia em Fortaleza, em 1960, e, depois, optou por completar o curso no Seminário Regional do Nordeste, em Olinda. Como era a graduação em Filosofia nessas instituições?*

Era um absurdo aqui em Fortaleza! O seminário também era administrado pelos lazaristas, porém brasileiros. Eles completavam a formação presbiteral lá em Minas Gerais e eram mandados para cá para ensinar, por exemplo, Filosofia. Pouco preparados, ofereciam uma formação inadequada nos estudos. Lembro de um professor de Biologia que, quando a gente fazia uma pergunta, dizia: “deixa essa pergunta para o Pai Eterno”. No final do curso, eu disse: “Padre, quando a gente chegar no céu, vamos perder o tempo todo só com perguntas, porque o senhor não respondeu uma pergunta sequer”.

Após um ano, pedi a minha transferência para o Seminário em Olinda e lá foi muito bom, pois depois de ter tido em Fortaleza contato com a Filosofia Grega e Medieval, em Olinda tive um choque tremendo através de um estudo sério da Filosofia Moderna, sobretudo do pensamento de Kant. Tive pelo menos três grandes professores naquela época. Em primeiro lugar: Ariano Suassuna, que dava o curso de Filosofia da Estética. Uma pessoa extraordinária em todos os aspectos. Depois: Newton Sucupira, especialista em Filosofia Moderna. Em suas aulas, era como se o mundo caísse de repente, dado o contraste com a minha formação em Filosofia Clássica. Havia também o professor Zeferino Rocha, que tinha estudado em Roma e, sendo bom conhecedor da tradição filosófica, fazia um contraponto com o pensamento moderno. Foi um período extremamente positivo em meus estudos. Decidiram então que eu tinha aptidão para a Filosofia e resolveram me enviar para a Europa.

No entanto, pouco antes de ir para Roma, para estudar na Universidade Gregoriana, as bolsas de estudos foram suspensas. Eu disse: “Então não vou. Como ficam os meus irmãos aqui? Se meu pai tiver que pagar os meus estudos em Roma, os outros vão passar fome, né?”. Aí, o bispo auxiliar de Fortaleza insistiu com o meu pai que me enviasse, pois lá se encontraria alguma forma de custeio. Eu morei por lá um ano com o meu pai pagando meus estudos, com todos os esforços possíveis. Foi quando, no final do primeiro ano, apareceu uma senhora do interior da Alemanha, muito simples, mas com muitas posses. Ela não tinha filhos e os sobrinhos queriam apropriar-se do dinheiro dela. Bastante religiosa, ela queria aplicar o dinheiro na formação de um padre e, por isso, procurou a congregação dos Salvatorianos. Como por lá todos já tinham bolsa, fizeram contato com o reitor do Pontifício Colégio Pio

Brasileiro, em Roma, onde eu morava, com a proposta de que a bolsa fosse para um estudante de um “país subdesenvolvido”, como se dizia na época. O reitor me chamou e disse que aquela senhora estava disposta a me ajudar, mas com uma condição: que eu celebrasse a primeira missa lá no povoado de 300 habitantes no sul da Alemanha onde morava sua família. Eu disse: “Não aceito”. Imagine se eu desistisse do sacerdócio? Eu ficaria o resto da vida com remorso porque teria utilizado os recursos daquela senhora e frustrado os seus propósitos. Porém as coisas se encaminharam e deu tudo certo.

- Então, após concluir a graduação em Filosofia, você seguiu para a Itália em 1963 e lá fez a graduação e o mestrado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma?

Sim. No mês seguinte à minha chegada, começou o Concílio Vaticano II. Eu gosto de dizer que eu fui padre conciliar, sem nunca ter entrado na aula conciliar, porque tínhamos um acompanhamento enorme. Morávamos no Colégio Pio Brasileiro, no qual ficava hospedado Dom João Batista da Mota, arcebispo de Vitória. Todos os dias, depois do almoço, ele nos reunia para dizer o que se passara nas grandes discussões do Concílio. Dom Helder Câmara logo percebeu que o episcopado brasileiro não tinha condições teóricas de compreender o que estava em discussão e organizou palestras de formação numa casa da Ação Católica Italiana na qual estavam hospedados os bispos brasileiros, bem próxima ao Colégio Piobrasileiro. Para tanto, convidou os grandes teólogos do Concílio e foi aí que eu conheci Karl Rahner, cujo pensamento estudei no mestrado em Teologia e de quem depois fui aluno em Munique, Yves Congar, Joseph Ratzinger, dentre outros. Os teólogos mais influentes no Concílio passaram por lá, com conferências nas mais diferentes línguas – latim, francês, italiano, etc. O contato com esses grandes teóricos nos deu um nível formativo muito superior àquilo que se poderia receber só na universidade gregoriana.

Então, no final do curso, os bispos cearenses decidiram que eu não devia voltar para Limoeiro do Norte e sim ir a Fortaleza para assessorar nas diversas atividades formativas que a CNBB tinha por aqui: o seminário, o instituto de formação, o Regional da CNBB Nordeste I, etc. No entanto, eu disse que iria com uma condição: que me deixassem estudar! Eu não aceitaria ensinar sem a devida preparação como os padres em Fortaleza fizeram no meu tempo de seminário. Assim, o padre Libânio, que era meu supervisor de estudos lá no Colégio Pio brasileiro (os estudos eram na Universidade Gregoriana, mas os estudantes moravam em

colégios nacionais onde havia orientadores de estudo), fez uma carta aos bispos sugerindo que eu, antes de retornar ao Brasil, fosse estudar na Alemanha.

- Como foi esse período de estudos e de que maneira a Filosofia permaneceu como um campo temático em suas reflexões na Itália?

Eu escolhi de propósito estudar, para o trabalho de mestrado em Teologia, uma obra do Karl Rahner, porque ele defendia que a Filosofia é um momento interno e ineliminável da Teologia. Inclusive, quando ele fez 100 anos, os jesuítas do Brasil publicaram um livro em sua homenagem e eu lá escrevi o artigo “Por que é necessário filosofar na Teologia”. Para Rahner, a Teologia é, como se diz em latim, “intellectus fidei”, um esforço de compreensão racional do conteúdo da fé. Como a gente compreende? A gente compreende com os pressupostos de toda e qualquer compreensão humana. Logo, a Filosofia é um elemento fundamental, já que trata justamente destes pressupostos da compreensão, de modo que existe uma Filosofia presente na Teologia. Pior para o teólogo se ele não se der conta disso! Escolhi Karl Rahner como tema de estudos também porque já planejava fazer o doutorado em Filosofia. Aliás, quando estava no doutoramento, acompanhei por lá as aulas de Rahner. Ele era, naquela época, professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Munique e lecionava na Cátedra Romano Guardini, vinculada à reitoria da universidade. Ele era, então, uma espécie de professor convidado para cursos nos quais deveria pautar as grandes questões teológicas discutidas na época. Assisti um seminário dele sobre o problema do ateísmo na sociedade atual e como se situa a religião numa sociedade cada vez mais secularista e laica, na qual não é a religião que dá o rumo nem do pensamento nem da administração pública. As aulas eram no maior auditório da Universidade. Cabiam uns 800 alunos e tinha gente que ainda ficava sentada no chão nessa aula. No final do semestre, ele contava com no máximo 80 alunos. Alguns diziam que era porque ele falava um alemão muito difícil. Ora, se fosse isso, eu, como estrangeiro, não estaria lá com condições de seguir as aulas. O problema não era o alemão. O problema era a Filosofia. Ele fazia uma Teologia radicada na concepção que ele tem de Filosofia, quer dizer, na forma de entender a filosofia transcendental que se articulou a partir da obra de J. Maréchal fazendo o diálogo entre o pensamento de Tomás de Aquino e o de Kant. Rahner, a partir desta tradição, orientava-se por uma versão nova do pensamento transcendental. Então, tratando de problemas teológicos radicalmente, ele se deparava com a Filosofia. Muitos dos alunos ali nunca tinham frequentado uma aula de

Filosofia. Então, por desconhecerem a filosofia transcendental, tinham dificuldades de seguir as aulas.

- Então, em 1966, você seguiu para o Doutorado na Alemanha, na Universidade de Munique. Como era estruturado o doutorado daquele período? Como era o cenário filosófico alemão?

A Alemanha era, naquela época, a grande referência filosófica na Europa. Hoje a coisa mudou bastante, sobretudo pela forte influência da filosofia anglo-saxã. Fui enviado para Munique para estudar com Max Müller, um ex-aluno e discípulo de Heidegger. Ele inclusive tinha acompanhado os seminários para os discípulos mais próximos quando Heidegger se aposentou da Universidade de Freiburg. Além de um grande especialista em Heidegger, Müller era também um profundo conhecedor da tradição filosófica medieval. Por isso, ele estava a par de uma das principais linhas de investigação da época, que consistia na tentativa de teólogos e filósofos de formação medieval, sobretudo a partir da Universidade de Louvain, na Bélgica, para compatibilizar o pensamento da Idade média com a Filosofia Moderna. M. Müller repensava o pensamento da tradição confrontando-o com o pensamento de Heidegger.

219

Também encontrei naquele período uma intensa pesquisa sobre Fichte, Hegel, Marx e a fenomenologia. Eu me lembro de um professor, Lobkowitz, com formação nos Estados Unidos e que se dizia entendedor de Marx. Quando esse professor deu o primeiro curso na universidade, não houve jeito de conter a quantidade de alunos. O pessoal da esquerda, que queria colocar abaixo a “universidade capitalista”, tinha em Marx a referência fundamental. Havia situações inusitadas, porque os jovens revolucionários marxistas iam visitando todas as aulas e, em um determinado dia, resolviam atacar professores e alunos jogando ovos podres. Chegou um semestre na Universidade de Munique que não tinha mais ninguém na universidade. Só ficou meu orientador, Max Müller, que, quando confrontado, disse-lhes: “Vão vocês para a DDR [“Deutsche Demokratische Republik” – a antiga Alemanha Oriental]. Eu fui vítima do nazismo, lutei pela democracia. Não vou ceder!”. Aí, eles ficaram sem jeito, de modo que, ao final do semestre, ele era o único que ainda dava aula. Era um ambiente extremamente tenso.

Como a minha tese era em Filosofia Transcendental, estudei também com o professor Reinhard Lauth, que naquela época era o grande especialista em Fichte na Alemanha. Foi ele,

inclusive, quem reeditou todas as obras de Fichte. Ele ministrava um curso de nove semestres perpassando todo o sistema de Fichte. Também fui aluno do professor Helmut Krings, outro grande filósofo transcendental. Assim, eu me dedicava à filosofia transcendental e, ao mesmo tempo, me deparava com todo aquele movimento em torno de Hegel, Marx e a Fenomenologia. Era ainda o início da recepção da Filosofia Analítica – da qual apenas tive um contato mais próximo quando retornei a Alemanha anos depois da conclusão de meu doutoramento.

Além disso, uma circunstância da organização didática do doutorado ocasionou descobertas que se mostraram relevantes para mim. Os doutorandos precisavam cursar a matéria principal de sua pesquisa e mais duas matérias secundárias – fazendo os seminários e trabalhos. Fui orientado a escolher matérias secundárias com as quais já estivesse familiarizado para, assim, poder dedicar mais tempo à Filosofia. Por isso, optei, por sugestão dos professores, pela Literatura Ibérica – que pouco conhecia, mas que não me era totalmente estranha – e a Teologia – área na qual tinha obtido meu mestrado. Encontrei na Teologia Luterana algo muito raro, o Professor Wolfhart Pannenberg que considero o maior teólogo luterano do século XX e que, assim como Rahner, argumentava que a Filosofia é um elemento interno à própria Teologia.

Depois de defender a tese, precisei contornar outra situação difícil por lá. Na Alemanha, a gente só recebe o diploma de conclusão do doutorado depois de ter depositado 150 volumes da tese para a universidade distribuir nas bibliotecas universitárias do país ou então publicá-la como livro. O meu orientador sugeriu, e os demais membros da banca concordaram, que eu publicasse a tese como livro. As editoras não investiam em autores novos e, por isso, eu precisava arcar com parte dos custos da edição.

Enquanto tentava conseguir um modo de financiar o livro, aceitei ir ao interior da Alemanha para substituir uns padres durante as férias deles. Fui, depois da defesa, para aquela cidade em que morava a família da senhora que custeou os meus estudos. No entanto, era inverno e fiquei hospedado na casa paroquial, uma casa medieval, com aquelas paredes gigantescas. Não tinha aquecimento central e fui obrigado a dormir no frio com 20 graus abaixo de zero. Por consequência disso, peguei uma pneumonia. Eu não sabia que estava com pneumonia, então viajei com um grupo de brasileiros para Praga – que ainda estava nos tempos do regime socialista. Lá comecei a sentir muitas dores. Era um domingo e havia apenas

uma farmácia aberta. Eu passei quatro horas em uma fila na neve. Quando finalmente entrei e relatei meu caso para a farmacêutica, ela voltou com um frasco de Vick VapoRub líquido! Retornei a Alemanha e fui imediatamente ao médico, que me disse: “Gravíssima pneumonia”. Passei por um tratamento muito difícil e demorado. Ainda hoje, quando faço uma radiografia, o médico logo pergunta “o que é isso?”. E eu digo: “Uma lembrança de quando fui obrigado a dormir a 20 graus abaixo de zero”.

Após algum tempo negociando com as editoras, as coisas se encaminharam e o livro iria ser publicado. Mas aí houve mais um empecilho. Para minimizar os custos, a editora enviou o livro para ser impresso na Iugoslávia. Eles me mandavam as provas do texto para que as corrigisse, só que ninguém por lá entendia a minha letra, o que não é extraordinário, pois eu mesmo ainda hoje não consigo entendê-la, e, assim, fizeram por conta própria a revisão e aumentaram os erros em vez de corrigi-los. Com todas essas idas e vindas, o livro só foi publicado em 1973, dois anos após eu ter concluído o doutorado.

- Você retorna ao Brasil em 1972 e, no ano seguinte, presta concurso para Professor de Filosofia da UFC. Como era então o ensino de Filosofia na UFC?

221

Após voltar para Fortaleza, fico encarregado de aulas na graduação do seminário e algumas disciplinas isoladas de Filosofia numa pós-graduação de outra área. Então fui convidado a fazer o concurso para a Universidade Federal do Ceará que visava contratar docentes para ministrar aulas de Introdução à Filosofia no ciclo básico da graduação. No entanto, dois dias antes do exame, eu adoeci e fui operado de apendicite. Fez-se uma consulta a área jurídica da universidade e foi permitido que eu fizesse a prova ainda no hospital. Botaram uma alguma coisa de madeira, que não me lembro como se chama, em cima da cama para que eu pudesse escrever e fiz isto durante mais de quatro horas. O esforço fez inclusive que eu ficasse um dia a mais internado. Um candidato inclusive levou o caso para a justiça, alegando que eu chamara um “amiguinho” para fazer o exame no hospital. O processo não foi adiante e enfim fui aprovado. Naquele primeiro concurso para a área de Filosofia também entraram professores que tiveram uma atuação representativa na UFC, como Mirtes Amorim, Antônio Colaço, Lauro Mota. Lembro que, além de mim, apenas outro candidato já tinha o doutorado, um professor que vinha do Mato Grosso, de quem não me lembro o nome. Foi aprovado, mas ficou pouco tempo, pois dois ou três anos depois pediu a aposentadoria. Enfim,

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Edição Especial	p. 215 - 231
--------------------------	--------	-------	-----------------	--------------

seja no período como professor efetivo, seja na condição de professor aposentado e emérito, mas ainda em atividade no corpo docente permanente do nosso Programa de pós-graduação, leciono na Universidade Federal do Ceará há exatamente 50 anos.

- Você deixou o Brasil antes do golpe militar e retornou ao país no momento mais crítico da ditadura. Como era a vida acadêmica naquele período?

Quando eu cheguei de volta ao Brasil, tive que fazer um juramento obrigatório na polícia, por causa do serviço militar. Enquanto eu estava fazendo o juramento, ouvia os gritos dos que estavam sendo torturados. O juiz que estava ouvindo o meu juramento teve a desfaçatez de dizer que eu estava fazendo um juramento em defesa do Brasil! Eu disse: “Sim. O Brasil, para mim, é o povo brasileiro. Em defesa dele, eu estou aqui, disposto a cumprir esse juramento”. Já nas aulas que eu ministrava na universidade havia sempre algum agente infiltrado que me acompanhava. Eu descobria logo quem era pela absoluta falta de compreensão de qualquer coisa. Mesmo assim, Dom Aloísio Lorscheider recebeu um longo relatório da Polícia me declarando subversivo.

222

- Nos anos 1970, em paralelo a sua atividade na UFC, você também atuou noutras instituições, como no período em que foi Reitor do Seminário de Fortaleza. Como foi essa experiência administrativa?

Inicialmente, fiquei num regime de carga horária reduzida na UFC, porque, dados estes outros compromissos, eu não podia dar aula em tempo integral. Fiquei apenas seis anos no seminário como reitor. Depois que começaram muitas discussões e brigas entre vários grupos, eu estava certo de que meu lugar não era ali. No entanto, não conseguia sair daquela situação porque o Dom Aloísio afirmava que não tinha quem me substituísse. Eu dizia: “Dom Aloísio, você não acha que eu já mereço o céu, depois de já ter passado por todas essas situações de conflito e tudo mais?”. E ele respondia: “Que nada! Vai ficando...”. Quando ele mesmo saiu, em 1995, imediatamente escrevi uma carta pedindo para sair. Ainda levaram quatro meses discutindo, mas terminaram aceitando. Lá eu não podia me dedicar plenamente à Filosofia como tinha sido a ideia original, depois que me mandaram para a Europa. O seminário era uma muito exigente, com muita coisa para fazer e várias discussões e formações de todos os tipos. Eu estava dividido entre seminário, faculdade, curso de graduação de seminarista etc.

Por isso, até então eu havia publicado poucos trabalhos. Depois disso é que pude enfim começar a publicar regularmente.

Como era o currículo da graduação em Filosofia no seminário?

O currículo seguia as instruções do MEC: distinguiam-se várias cadeiras de História da Filosofia; depois Lógica; Metafísica; Antropologia filosófica; Filosofia da Natureza... essas coisas assim. A nível de igreja, foram desaparecendo progressivamente as disciplinas sistemáticas. A Filosofia foi se reduzindo à história da Filosofia. Aqui no Ceará foi uma exceção: nunca houve isso e nunca se reduziu a Filosofia a História da Filosofia. Essa tendência de redução da Filosofia à História da Filosofia se deu por causa de um violento anti-intelectualismo que, aliás, ainda hoje é predominante. Eu abandonei a Faculdade Católica por causa disso: porque havia uma forte reação ao estudo da Filosofia, como sendo algo que não tem nada a ver - “Padre não precisa disso”. Como eu reprovava metade da turma, houve um movimento para me botarem para fora e eu falei: “Não. Não precisa, não. Eu vou por mim mesmo, feliz da vida. Podem ficar tranquilos. Fiquem em paz e eu vou para outro canto”. Não vou perder o meu tempo com gente que não quer pensar. Isso, ainda hoje, não desapareceu. Veja, bem, o curso continua com a mesma articulação e buscam bons professores. A questão está na mentalidade dos alunos, pois para muitos o estudo é algo secundário na formação.

223

Essa contraposição ao pensamento filosófico se deu apenas no âmbito do ensino eclesiástico ou nas universidades públicas?

Nas universidades públicas sempre ouvia a seguinte afirmação dos colegas: “O que você veio fazer aqui? A Filosofia não existe mais. As ciências foram tomando todas as disciplinas. As disciplinas que eram da Filosofia se tornaram científicas, então não tem mais o menor sentido”. Então, quando nós entramos na UFC, era como se fosse uma invasão. Havia alguma reação dos professores nesse sentido. A gente dizia: “Minha gente, nessa situação que nós estamos, a única cadeira que tem condições de ser crítica é a Filosofia, de fazer com que os alunos não se dobrem e não aceitem esse regime ditatorial etc.”. Então, eu dava aulas, por exemplo, de uma forma que meus ouvintes que vinham da polícia não entendessem. Era, inclusive, muito difícil. Eu me lembro que, na primeira aula, eu levei um texto e pedi para os alunos discutirem e um aluno me indagou: “Com licença, professor. Como o senhor vai pedir

para a gente ler um texto? Nós nunca lemos nada”. Veja que nível tinha o estudo na universidade. “Nunca lemos nada!”. Então, eu dizia: “A única esfera que ainda pode se contrapor a isso que está aí é a Filosofia. Vamos dar um jeito aqui para que não desapareça pelo menos a cadeira de Filosofia”. Era uma única cadeira, mas era uma oportunidade de levar as pessoas minimamente a pensar, a se perguntarem sobre as coisas, assumir uma posição crítica, apesar das enormes dificuldades, por causa das perseguições.

Do ponto de vista institucional, na década de 1970, qual era a principal influência na Filosofia do Ceará? Havia alguma matriz filosófica comum ou preponderante?

A maioria dos primeiros professores que ingressaram naquele primeiro concurso tinham sido formados na Europa. Eram padres ou ex-padres como Antônio Colaço, Lauro Mota, eu. Uma exceção era a Mirtes Amorim, que tinha sido formada em Filosofia aqui, e depois fez a pós-graduação em São Paulo. Ainda hoje, essa é uma herança meio complicada para nós, porque vários Programas de Pós-Graduação têm mais facilidade de obterem avaliações superiores na CAPES porque neles há mais professores que se formaram em São Paulo. Isso levanta uma grande questão, que eu já discuti várias vezes com as Comissões de Filosofia / CAPES. Uma vez um professor me disse com toda clareza, em um seminário (não sei se foi em São Paulo ou em Minas Gerais): “Nós sabemos que há muita competência fora de São Paulo, mas, afinal de contas, nós somos da USP”.

Lembro de uma ocasião que ilustra isso. Certa vez, a Sociedade Kant fez o seu segundo congresso fora da Alemanha lá em São Paulo. Eu não me inscrevi. Ricardo Terra, professor da Unicamp, me telefonou. “Nós não admitimos que o senhor não fale nesse congresso. Daqui a dois dias, mande um texto em alemão com o resumo da sua fala”. Eu entendi que, se eles diziam que eu não poderia deixar de ir, era porque eles não seriam capazes de fazer isso que eles estão pedindo que eu fizesse. Aí, aconteceu uma coisa muito engraçada. Como foi anunciado que a minha palestra ia ser em alemão, praticamente todos os alemães que estavam presentes no congresso foram lá. O coordenador da palestra era um italiano. Ele virou para mim e disse assim: “Eu aprendi várias coisas em português pensando que vinha ouvir os conferencistas falar em português, mas você vai falar em alemão?”. Depois eu expliquei a ele que me pediram para fazer a palestra em alemão, e eu aceitei, para mostrar aos colegas brasileiros que não havia Filosofia no Brasil apenas em São Paulo, que havia muitos professores bem formados noutros pontos do país. Eu nem precisei fazer como o Ernildo Stein,

que certa vez subiu em uma mesa na USP e gritou: “Vocês não sabem nada de Filosofia – Vão estudar!”. Enfim, é um problema que, ainda hoje, persiste. Como já ocorreu noutras ocasiões, nas últimas três avaliações quadrienais da CAPES, o nosso Programa de Pós-Graduação em Filosofia permaneceu com a nota 4 mesmo com indicadores superiores de outros programas que receberam a nota 5.

Você foi o primeiro coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFC, criado em 1999. No início, a área de concentração do PPG era a Filosofia contemporânea e você ministrava as duas disciplinas obrigatórias – Filosofia Teórica e Filosofia Prática. Quando se verificam as listas das primeiras defesas de mestrado nos anos seguintes, constata-se um maior número de dissertações sobre filósofos germânicos, como Wittgenstein, Popper, Heidegger. Já que você foi professor em algum estágio formativo da maioria dos docentes envolvidos naquele início do Programa, julga que houve aqui inicialmente uma influência germânica?

Creio que sim. Como eu disse, na minha orientação, num primeiro momento, não entrou muito da filosofia anglo-saxã. A Filosofia Analítica era considerada uma coisa estranha nos meus tempos de doutorado. Quando retornei à Alemanha para fazer um estágio de pesquisa, o ambiente era completamente diferente: a Filosofia Analítica agora era a grande corrente de pensamento. Então, eu dizia: “Eu não falo mais a língua dos filósofos. Eu tenho que entrar nessa problemática da Filosofia Analítica”. Meu orientador costumava dizer que a gente escreve livros quando não entende das coisas, justamente para tentar entendê-las. O meu primeiro livro que trabalhou a Filosofia Analítica foi a *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. Depois daquele momento inicial, o PPG mudou, pois foi se criando toda uma linha de pensamento com influência anglo-saxã. Veja que o Guido Imaguire, que foi o primeiro professor de Filosofia analítica que ingressou na UFC depois da criação do nosso PPG, estudou também na Universidade de Munique, mas décadas depois. Ele é um analítico de primeira, mas cuja formação se deu noutra momento em relação à minha. De lá para cá as coisas mudaram, deixamos de ser uma espécie de ilha germânica no Nordeste. Você tem hoje uma série de correntes e professores com diferentes formações.

Em 2009, você se aposenta, mas permanece atuando no Programa de Pós-graduação em Filosofia. Em 2016, torna-se Professor Emérito da UFC. Como você avalia sua trajetória acadêmica nesses 50 anos?

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Edição Especial	p. 215 - 231
--------------------------	--------	-------	-----------------	--------------

Eu gosto de dizer que sou um eterno estudante de Filosofia. Eu nunca deixei de considerar a pesquisa, de modo que, quando algumas pessoas ficam espantadas com os vários livros que publiquei, com o tempo necessário na elaboração deles, eu respondo que não há nada de surpreendente porque dediquei a vida inteira para isso. Assim, não me considero a figura que por vezes dizem que eu sou, como quanto à honraria de “Professor Emérito”. Eu sou apenas alguém que leva a coisa a sério, que estuda, que pesquisa.

Quanto à evolução do meu pensamento filosófico, diria que a minha primeira influência, desde o seminário de Olinda, foi a Filosofia de Kant, que eu entendi como um sistema que abalava toda a tradição do pensamento ocidental. Por isso, fui para Alemanha e a minha tese de doutorado é sobre a estrutura fundamental do pensamento transcendental. Eu abordei lá três grandes linhas: primeiro Kant, depois Husserl e então o neokantismo. Em seguida, a partir de Schelling, Hegel e Heidegger, fiz um questionamento na estrutura da maneira de pensar da Filosofia Transcendental. Então segui essa direção até quando do meu retorno à Alemanha para um estágio de pesquisa, quando descobri a filosofia analítica. Mesmo assim, eu continuei considerando que a Filosofia Contemporânea era profundamente marcada por diferentes versões de filosofia transcendental.

Quanto a isso, tive a sorte de acompanhar Jürgen Habermas quando ele ensinava no Instituto Max Planck. Também participei, proferindo conferências, de muitos congressos com Karl. O. Apel, por vezes nas mesmas bancas temáticas. Então, eu tive a sorte de acompanhar e mesmo participar das tentativas de reestruturação da reviravolta linguística da Filosofia Transcendental por filósofos como Habermas e Apel, bem como estas correntes novas (como as “Filosofia da Diferença”). Lembro que, em uma dessas sessões temáticas em que eu e Apel estávamos juntos, estava lá Enrique Dussel. Apesar de ser descendente de alemães, Dussel falava um alemão terrível e, por isso, tinha sempre um tradutor de lado. Ele já tinha me dado o texto do que iria apresentar, que eu lera e não tinha entendido nada. Algum tempo depois que Dussel começara a falar, Apel se vira para mim e pergunta: “O senhor está entendendo? Eu não estou entendendo nada”. E eu digo: “Eu também não, e olha que eu já li o texto original em espanhol”. Quando Dussel terminou a palestra, um aluno se levantou e disse: “Professor, nos desculpe, mas gostaríamos de dizer que não entendemos nada!”. Depois de um breve silêncio, Dussel respondeu: “Ótimo! Significa que estamos entrando em uma nova linha de

pensamento”. Ora, o mínimo que um filósofo deve pretender com qualquer linha de pensamento é que ele seja compreendido.

Assim, o fio condutor das minhas investigações ainda é basicamente o mesmo: há um confronto fundamental nessa forma de se pensar moderna, que me parece hegemônica até os dias de hoje, que toma a subjetividade enquanto princípio último da reflexão filosófica. Nesse sentido, mesmo Hegel não me parece tão crítico de Kant como eu imaginava, pois ainda guarda em seu pensamento uma certa vertente da filosofia da subjetividade. Também me convenci de que Heidegger teve uma grande intuição que alargou enormemente o conteúdo que deve ser pensado na Filosofia, com a sua questão sobre o sentido do ser – mesmo que depois ele tenha julgado que não se deveria mais denominar de “ser” e passou a grafar “Sein” com um traço para que não se confundisse ser com ente. No entanto, seja nessa remodelação da questão de ser ou quando passa a tratar de “Ereignis”, Heidegger nunca foi capaz de levar adiante a grande intuição que ele próprio teve de que o problema fundamental para se pensar qualquer questão filosófica é o problema do ser.

Assim, inicialmente as minhas questões eram tratadas mais com Schelling, Hegel e Heidegger. Hoje eu ainda mantenho as intuições destes pensadores, mas em conjunção com as indispensáveis discussões da Filosofia Analítica. No entanto, a Filosofia Analítica não tem abertura nenhuma para intuições como a de Heidegger e, portanto, eu procuro fazer uma combinação quase absurda para eles: aceitar o rigor, a seriedade, a clareza do pensamento analítico, para enfrentar um problema que foi elaborado fora do mundo analítico.

Quando fomos seus alunos, naqueles primeiros anos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, tínhamos a impressão de que seu pensamento se identificava mais com a Filosofia Transcendental do que propriamente com uma Filosofia de matriz ontológica. Mas, ao mesmo tempo, a gente sabia que você tinha posições ontológicas fundamentais, mesmo que em suas exposições prevalecesse o método transcendental. Como você avalia essa tensão entre o transcendental e o ontológico?

Eu tenho um defeito básico nas minhas aulas. Quando apresento os filósofos - dizem as pessoas -, eu apresento com tanto entusiasmo que passo então por habermasiano, por apeliiano, menos pelo que eu realmente sou. Algo assim também era o caso com o padre Henrique Lima Vaz. Lembro dele me perguntando como as pessoas podiam achar que ele era um hegeliano.

Por isso, quando eu fiz 80 anos, e foram feitos vários seminários no Brasil e dois seminários internacionais, eu pensei: “Quer saber de uma coisa? Para que saibam de onde venho, vou traduzir o capítulo final da minha tese; assim vão saber que desde lá eu já estava brigando com a Filosofia Transcendental”. De tanto falar de Filosofia Transcendental, sempre deu a impressão de que eu mesmo fosse um filósofo transcendental! Eu diria hoje que eu sou um ontólogo ou um metafísico. Na filosofia anglo-saxã, “metafísica” é agora sinônimo de ontologia. Basta ver uma obra que me parece bastante sugestiva para uma introdução a problemática ontológica retomada recentemente pela filosofia Analítica, *Metaphysics: A Contemporary Introduction*, de Michael Loux. Ora, para quem passou por Heidegger, não são sinônimos, não são a mesma coisa. Por isso, tendo-se em conta as formulações de Heidegger, diria que sou um metafísico, mas não no sentido da tradição, que articula uma Teoria dos Entes que, não obstante continue sendo necessária, não me parece constituir a última dimensão do pensamento. Se retomo tantas vezes a filosofia transcendental é porque ainda estou convencido de que ela continua presente, mesmo que implícita em versões sofisticadas, inclusive na filosofia analítica. Veja o caso de um filósofo como Robert Brandom, que assume o pragmatismo de Wittgenstein, mas, por outro lado, considera que tal pragmatismo é racionalista, normativo. Sendo assim, o filósofo pragmático não pode usar só conceitos lógicos, mas tem que usar também conceitos normativos, os quais remetem às pretensões de validades que nós fazemos – ou seja, compromissos transcendentais. Às vezes as pessoas acham difícil entender o que Brandon pretende porque ele é prolixo - *Making it Explicit* tem 700 páginas e ele retoma as mesmas ideias noutros livros. Mas há um trecho esclarecedor em *Reason in Philosophy* no qual Brandon diz que a maior preocupação da filosofia é nos permitir compreender a nós mesmos como seres racionais, que argumentam; portanto, a prática argumentativa humana é a base de toda e qualquer filosofia. Ora, que a argumentação esteja fundada em atos humanos nos remete então a uma certa filosofia da subjetividade, só que agora entendida como subjetividade racional – uma espécie de práxis fundamental. Nisso ele se contrapõe radicalmente a Wittgenstein. As noções de “uso” ou “práxis” que Brandom adota são, portanto, distintas daquelas que Wittgenstein se refere nas *Investigações Filosóficas*. Aliás, as *Investigações* são o livro mais difícil que eu já li: é um exemplo depois do outro e quando perguntamos “O que esse sujeito quer dizer?”, ele parece dizer algo como “Não dá para saber. Não interessa! É para ver os exemplos, olhar, observar”. Wittgenstein nos pede para observemos como as pessoas falam, quais são as formas diferenciadas das pessoas

falarem, que tipos de atos as pessoas executam quando falam. Mas Brandon então contestará que mesmo neste caso o ato fundamental e essencial é o ato da racionalidade, ou seja, da inferência. Trata-se então do “uso inferencial”. Se a prática humana é uma referência fundamental a partir da qual eu constituo uma sistemática, então há aqui uma contraposição (transcendental) à assistemática das *Investigações*.

Então, você se reconhece, desde o início da sua carreira, como ontólogo ou metafísico, sendo a Filosofia Transcendental uma estrutura de pensamento antagônica que se precisa assumir e superar. Podemos então dizer que você se identifica com a corrente lógico-ontológica?

Isso mesmo! Eu diria que hoje me identifico com a corrente “lógico-semântico-ontológica”, que abrange assim as dimensões fundamentais dos discursos. Toda filosofia pressupõe uma linguagem na qual ela se articula. A filosofia se articula em linguagem - é o primeiro pressuposto - e a linguagem tem componentes que, portanto, são componentes de uma teoria filosófica. Esses componentes fundamentais são a lógica, a semântica, a ontologia e a pragmática. Só que eu defendo uma primazia da dimensão semântico-ontológica.

Dado que o seu pensamento se constitui pela elaboração de uma filosofia lógico-semântico-ontológica, em contraponto às formas explícitas ou veladas da filosofia transcendental no pensamento contemporâneo, quais das suas obras você considera como as mais relevantes na realização de seu projeto filosófico?

Em primeiro lugar, o *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*, que consiste na minha entrada efetiva nas discussões da Filosofia Analítica. Destaco também o *Ética, Direito e Democracia*. No entanto, os mais relevantes em meu projeto filosófico são dois livros que publiquei mais recentemente, *A Ontologia em Debate no Pensamento Contemporâneo* e *A Metafísica do do Ser Primordial*. Como nos sugere Puntel, uma ontologia hoje se elabora em dois momentos, o da Teoria dos Entes e o da Teoria do Ser. Escrevi então sobre a Teoria dos Entes para pôr a ontologia contemporânea em debate. Assim, tive também a oportunidade de pensar sobre a ontologia clássica, com seu aporte fundamental no conceito de “substância”, e depois as críticas que foram feitas a esse conceito, bem como as propostas alternativas, como as das Teorias dos Eventos, dentre outras. Depois de tratar dessa dimensão que tem como tarefa pensar os tipos de entes, as suas características fundamentais, dediquei o

outro livro à segunda dimensão, aquela que seria a do ser. Para não confundir com as teorias dos entes, acrescentou-se a noção de ser “primordial”.

Quais seriam os principais desafios para o ensino acadêmico e a prática da Filosofia no Brasil?

Olha, isso é uma grande discussão. Na última reunião da ANPOF, que foi virtual, apareceram debates sobre o pensamento “decolonial”, que está tendo muita força no Brasil. Entretanto, as pessoas estão entendendo isso não simplesmente como dar validade a outras formas de cultura e outras formas de articular o pensamento, mas como se desfazer de qualquer noção de validade e articulação do pensamento. Eu ouvi um colega aqui do Nordeste dizer num desses encontros virtuais que ele tomou como meta não ler mais nenhum filósofo que não seja brasileiro. Ele fala em “desgregasização”, quer dizer, deixar para lá toda a tradição que vem dos gregos. Isso porque nós queremos ver a nossa própria tradição, o que vem adiante é mais interessante ainda. A Filosofia sempre partiu dos problemas que surgiram na vida comum, no mundo vivido (para usar uma palavra da fenomenologia). Quais são os problemas dos gregos? Tais, tais e tais. Quais são os problemas do Brasil? Carnaval, frevo, não sei o quê, pá, pá, pá. Então, são esses os problemas de onde os filósofos devem partir. Bom, pode ser. Não faz mal partir dos frevos, mas ficar apenas nos frevos, eu já não sei. É uma questão muito séria. Nós estamos diante do grande desafio de pensar com seriedade e rigor. Então, eu não estou entendendo essa direção de alguns colegas aqui. Às vezes me pergunto se é a minha juventude acumulada que me faz ver isso. Nesse sentido, o trabalho que Paulo Margutti está fazendo com sua *História da Filosofia no Brasil* é extremamente importante, porque ele está descobrindo que aquela ideia de que no Brasil só se come rapadura e não se faz Filosofia é falsa. Ele está mostrando como houve aqui, desde o período colonial, pensadores autênticos ligados aos problemas e às grandes questões filosóficas. Lembro de que, no início de seu projeto, ele me falou que ia fazer um negócio bem pequenininho, quem sabe um volume. Fico feliz de saber que as investigações que ele desenvolveu dali em diante já o fizeram escrever três volumes e ele até aqui só chegou à Independência. Apesar dele não se filiar a nenhuma dessas filosofias que vem tratando em seus livros, ele está realizando um trabalho sério de compreensão. O fato de ter pé no chão no Brasil não significa que a gente tenha de perder uma pretensão à universalidade. Embora esteja situado, o filósofo não pode ficar preso a um contexto, sobretudo hoje, quando nós

vivemos em um mundo completamente globalizado em todos os níveis. Que a gente tenha essa capacidade de compreender outras formas de pensar e, inclusive, que o diálogo se faça possível -, eu acho isso fundamental. Contudo, eu acho que não há possibilidade de ir adiante sem o diálogo e mesmo o confronto com a tradição filosófica. Agora, essa história de “vamos eliminar toda a tradição filosófica de onde nós partimos” é absurda. Lembro que, certa vez, estava em um colóquio na Suíça e fui encontrar o professor Thomas Kesselring em sua casa. Ele não tinha chegado ainda e eu estava com a mulher dele e outro professor de uma universidade da Alemanha. O professor alemão me perguntou: “O que se faz de Filosofia no Brasil?”. A esposa do professor Kesselring pediu a palavra e disse assim: “filosofia de papagaio”. Falam de Platão, Aristóteles, Kant, etc., ou seja, que nós somos repetidores. E eu disse: “Então, vocês também são papagaios, porque vocês partiram dos gregos”.

[Esta entrevista foi realizada, em sala virtual, no início do mês de maio de 2023]